

A AULA COMO ACONTECIMENTO: O ESTÁGIO EM DOCÊNCIA COMO EXPERIÊNCIA FORMATIVA NA PÓS-GRADUAÇÃO

Gabriela Costacurta

*Universidade Federal da Fronteira Sul
costacurtagabriela@gmail.com*

Camila Caracelli Scherma

*Universidade Federal da Fronteira Sul
camila.scherma@uffs.edu.br*

Eixo 07: Ciências Humanas

RESUMO

Objetivamos compartilhar experiência de estágio em docência como processo formativo do mestrado. A prática foi realizada no componente de Produção Textual Acadêmica, junto ao 1º período de Pedagogia da UFFS, no 1º semestre de 2023. O estágio tem como objetivo preparar o aluno da pós-graduação para a prática de docência. Como metodologia para condução das aulas, utilizou-se de atividades de leitura e produção textual, apresentações orais, rodas de conversa, etc. Como resultado, para além de alcançar o proposto pela ementa, tivemos encontros potencializadores decorrentes da relação com a turma.

Palavras-chave: Docência. Estágio. Educação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de reflexões acerca da prática do estágio em docência, realizado no componente curricular de “Produção Textual Acadêmica”, no primeiro período do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul. O estágio de docência configura-se como processo formativo do mestrado, sendo prática obrigatória a bolsistas de Demanda Social da CAPES. Objetiva-se, neste processo, “[...] a preparação para a docência, e a qualificação do ensino de graduação [...]” (BRASIL, 2010).

A disciplina em que a prática foi realizada tem como ementa: “Língua, linguagem e sociedade. Leitura e produção de textos. Mecanismos de textualização e de argumentação dos gêneros acadêmicos: resumo, resenha, handout, seminário. Estrutura geral e função sociodiscursiva do artigo científico. Tópicos de revisão textual”. Objetivamos, a partir deste componente, qualificar as habilidades de produção de textos orais e escritos no âmbito acadêmico. Entre os objetivos específicos que constam no plano de ensino, estão:

- a. Construir compreensões acerca de: o texto como lugar de encontro de palavras; o

- texto e suas relações com a vida; texto e textualidade; língua, linguagem e discurso; gêneros discursivos e gêneros textuais.
- b. Estudar as características relativamente estáveis de diferentes gêneros discursivos, tanto orais quanto escritos.
 - c. Trabalhar com progressão discursiva e textual.
 - d. Tratar da construção de parágrafos.
 - e. Apresentar recursos argumentativos.
 - f. Relacionar as práticas de leitura, de produção de textos e de análise linguística em diferentes esferas de atividade humana, inclusive na esfera acadêmica.
 - g. Produzir textos escritos e textos orais. (PLANO DE ENSINO)

Para atingir estes objetivos e alcançar os conteúdos propostos pela ementa, organizamos dezoito encontros, nos quais ocorreram práticas de leitura, práticas de produção textual, práticas de análise linguísticas, etc.

EM QUE CONSISTE A PRÁTICA RELATADA

O estágio supervisionado em docência constitui-se como parte fundamental da formação de bolsistas de Demanda Social da CAPES no processo da pós-graduação *stricto sensu*, e é regulamentado pelo artigo 18 da portaria nº 76, de 14 de abril de 2010 (BRASIL, 2010), publicada no Diário Oficial da União. É este processo que possibilita a experiência enquanto docente do ensino superior. Neste contexto, promove-se o encontro entre teoria e prática, tornando possível o contato com o cotidiano da sala de aula e estimulando a criação de possibilidades para se alcançar o requerido pelo componente.

CONTEXTO EM QUE OCORRE A AÇÃO

O estágio supervisionado em docência foi realizado junto ao componente curricular “Produção Textual Acadêmica”, ofertado ao primeiro período do curso de pedagogia da UFFS, campus Chapecó, no primeiro semestre de 2023. O componente foi ministrado pela Prof^a. Dra. Camila Caracelli Scherma, que também supervisionou a prática do estágio. O componente curricular teve carga horária total de 60 horas, divididas em 18 encontros.

A UFFS foi instituída pela lei 12.029, de 15 de setembro de 2009, pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva e pelo então ministro da educação Fernando Haddad. A universidade surge no intuito de promover a integração da mesorregião da Grande Fronteira do Mercosul, e abrange “[...] o norte do Rio Grande do Sul, com **campi** nos Municípios de Cerro Largo e Erechim, o oeste de Santa Catarina, com **campus** no Município de Chapecó, e o sudoeste do Paraná e seu entorno, com **campi** nos Municípios de Laranjeira do Sul e Realeza” (BRASIL, 2009). Através da oferta de um ensino superior público, gratuito e de

qualidade, a universidade se consolida sob a tríade ensino, pesquisa e extensão.

PARTICIPANTES/INTEGRANTES DA AÇÃO RELATADA

Fizeram parte da turma aproximadamente 25 alunas regularmente matriculadas no primeiro período do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul no primeiro semestre de 2023. A turma apresentava uma multiplicidade no perfil das alunas, visto que ali estavam estudantes recém saídas do ensino médio e estudantes com mais de 50 anos, de ao menos quatro regiões do Brasil, além de alunas imigrantes. Destacamos que houve uma grande taxa de evasão na turma trabalhada. Alguns alunos, mesmo matriculados, não chegaram a iniciar a disciplina/curso, e outros foram desistindo ao longo do semestre.

Neste caso específico não houve pesquisa para compreensão dos motivos que levaram à grande taxa de evasão, mas estudos acerca do assunto podem ajudar a compreender esta questão. Um estudo técnico elaborado pela consultoria legislativa da Câmara dos Deputados aponta que as causas para a evasão são multifatoriais. Considera-se, na taxa de evasão, ingressantes não matriculados, desistentes, jubilados e pessoas que abandonaram o curso. No que concerne às instituições federais de ensino superior, o estudo aponta que a taxa é maior no primeiro e segundo ano de curso, e pode decorrer de questões como: ausência de políticas de permanência estudantil; período em que o curso é ofertado; qualidade da instituição e do curso; dificuldade de conciliamento com atividade laboral; questões de gênero; idade no momento de ingresso ao curso; cuidado com os filhos (GILIOLI, 2016).

METODOLOGIA

As aulas, que aconteceram de forma presencial, foram divididas em atividades de leitura, atividades de produção textual, apresentações orais, rodas de conversa. Em muitas das atividades, estivemos ancoradas pelas práticas de João Geraldi, conforme discutido pelo autor no texto "O Texto na Sala de Aula" (1984). Para a realização das atividades, utilizamos materiais como publicações científicas, livros de literatura, música, matérias de jornal, fotografias, etc. O objetivo das aulas era propiciar espaços de troca entre docentes e discentes, possibilitando a criação de diálogos e debates sobre os contextos teóricos abordados pela disciplina. Acreditamos, como dito por Bakhtin em 1958, que “quanto mais variados forem os métodos, melhor, mas o importante é que sejam proveitosos. [...] É preciso, ainda, colocar para os estudantes questões para discussão” (VASILIEV, 2018, p.206).

RESULTADOS ALCANÇADOS

Em nenhum momento desta prática, os assuntos abordados no componente foram dissociados do cotidiano das alunas, da universidade, e das práticas da pedagogia. Utilizamos a história de vida de cada uma para guiar as produções ao longo do semestre: escrita de texto de apresentação pessoal, em formato literário; produção de notícia, tendo como temática o ingresso de cada uma delas em uma universidade pública; escrita de uma resenha, em que as alunas se colocaram criticamente diante de assuntos diversos; produção de um texto de seminário, atividade comum de todos os componentes do semestre, que tiveram como base a história de vida de cada uma, em relação com a cidade, a escola, as políticas educacionais, etc.

Alcançamos, através das aulas do componente curricular, os objetivos propostos e, de certa maneira, ultrapassamos isso. Estimulamos a leitura crítica e a produção textual; debatemos o texto como lugar de encontro; apresentamos os gêneros discursivos e textuais; falamos sobre as características relativamente estáveis de cada gênero de escrita; etc. Para além disso, possibilitamos encontros potencializadores entre as estudantes, sanando dúvidas para além do conteúdo disposto e acolhendo angústias relacionadas com o ambiente acadêmico e com o processo formativo.

O QUE SE APRENDEU COM A EXPERIÊNCIA

Por ter vindo de um curso de bacharelado, a experiência da docência - mesmo no ensino básico - ainda não tinha cruzado meu caminho. Foi no estágio, então, que ocupei pela primeira vez o espaço do ser professora. Experimentei, neste momento, o outro espaço desse lugar de troca. Apesar da insegurança, acredito que cumpri de maneira satisfatória as atividades requeridas. Com a abertura e acolhimento da Professora Camila, pude participar do processo de planejamento, execução e devolutiva das aulas e atividades. Apesar de ter conduzido as discussões e atividades de três aulas, participei ativamente de todas elas. Pude ouvir, aprender e compartilhar conhecimentos.

Rememoramos, aqui, o texto “A aula como acontecimento”, de João Wanderley Geraldi. O autor aponta que a escola/universidade, da forma com que é constituída hoje, acaba sendo vista como “[...] espaço privilegiado de construção das igualdades sociais entre sujeitos desiguais” (GERALDI, 2010, n.p). Esta perspectiva acaba por individualizar (e, por vezes, patologizar) os problemas de aprendizagem, sob a justificativa de que as oportunidades ofertadas são as mesmas e, portanto, se o aluno não aprende, é por uma incompetência

individual. As políticas educacionais neoliberais caminham ao encontro disso, reiterando a culpa não só no aluno, mas na escola/universidade enquanto instituição que não obtém êxito em formar sujeitos adequados ao mercado.

Há crise nos processos de produção de conhecimentos, há crise nas formas de inserção social da juventude sufocada pela destruição dos lugares possíveis de trabalho e convívio. Não poderia deixar de haver crise na identidade da profissão de professor. E a construção de uma nova identidade não se processará simplesmente na redefinição das formas de relações entre a tríade professor, alunos, conhecimento. E como nossa forma de conhecer o mundo, as gentes e suas relações é constitutiva daquilo que somos, essa nova identidade em construção para o professor terá profundas relações com as novas formas dos conhecimentos: sempre parciais, locais, incertos. Talvez nossa grande aprendizagem com os novos paradigmas científicos e culturais seja a aprendizagem da instabilidade. Por isso, nossa nova identidade profissional se constituirá no âmago da solução do conjunto das demais crises, e uma nova identidade é já força de construção de soluções. (ibidem, n.p)

Como resposta às políticas que visam apenas a formação conteudista, defendemos, portanto, que a chamada “herança cultural” deve transmitir mais do que apenas disciplinas científicas, agregando diferentes saberes e métodos de construção e apropriação do conhecimento. Geraldi (ibidem, n.p), acredita que “[...] o ensino tem dado respostas a alunos que não conhecem as perguntas. Temos aprendido respostas sem sabermos as perguntas que a elas conduziram”. Há de se fazer, então, uma inversão no processo de aprendizagem. Considerando que há uma rede infinita de informações disponível ao acesso de todos, fornecendo respostas, é preciso ensinar a questionar. Além disso, cabe considerar, no processo de aprendizagem, a experiência vivida pelos sujeitos envolvidos nesse processo, transformando-as em perguntas, em questões a serem pensadas e elaboradas.

Ao pensar a aula enquanto fenômeno, é preciso pensar em todos seus atravessamentos: quem são os alunos? de onde fala o professor? qual o contexto social no qual a escola/universidade está inserida?... Se apenas considerarmos a transmissão de conteúdo como relevante, desconsideramos todo o resto. A aula é um acontecimento. E um acontecimento não pode ser visto de maneira isolada, mas deve produzir perguntas sobre a vivência daqueles que a compõem. Dessa maneira, o papel do professor passa pelo lugar de estar atento aos fenômenos e aos contextos, incentivando os alunos a olharem criticamente ao seu redor. Em suma, cabe ao professor o ensinar a questionar.

E aí está a função do professor, que sozinho não precisa dar conta dos sentidos todos de cada um dos elementos constituintes da resposta à pergunta formulada, mas é seu dever organizar com os alunos mais perguntas e buscar em colegas, em profissionais, nas fontes, na herança cultural, os esclarecimentos disponíveis: é aqui que a pesquisa começa, é aqui que o caminho começa a ser construído e ele somente passa a ter existência depois de percorrido, na narrativa que se escreve deste processo de produção. Enfim, trata-se de pensar o ensino não como aprendizagem

do conhecido, mas como produção de conhecimentos, que resultam, de modo geral, de novas articulações entre conhecimentos disponíveis (ibidem, n.p).

Dito isso, volto à nossa experiência no período de estágio. Aos poucos fomos nos aproximando da turma do primeiro período de Pedagogia da UFFS. Um grupo que, apesar de ser composto apenas por mulheres, é muito diverso: há alunas com 17 anos, e há alunas com mais de 50; há alunas brasileiras, de ao menos quatro diferentes regiões do país, e há, também, alunas que vieram da Venezuela e do Haiti; há alunas cis, e há alunas trans; há alunas brancas, e há alunas pretas; há alunas de diferentes classes e contextos sociais. Na ementa da disciplina, consta que devemos apresentar diferentes modelos de produção textual que são utilizadas no mundo acadêmico - resumos, resenhas, artigos, ensaios... Pensamos, então, em trazer a pluralidade que compõe a turma para dentro de nossas construções ao longo do semestre. Propomos, como atividades avaliativas, a produção dos diferentes estilos de textos, a partir da história e experiência de vida de cada uma. Uma aula, pode, então, muito mais do que transmitir conteúdo. Enquanto professoras, permitimos o encontro entre o conteúdo e o mundo, acolhendo os diversos atravessamentos, permitindo encontros entre essas diferentes vozes. Nesses encontros, há trocas, ensinamentos e acolhimento. E assim se faz, em sua essência, a aula como acontecimento.

REFERÊNCIAS

_____. Lei n.12.029, de 15 de setembro de 2009. Dispõe sobre a criação da Universidade Federal da Fronteira sul. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2009. Seção 1, p.1.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Portaria nº 76 de 14 de abril de 2010. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2010. Seção 1, p.31-32.

GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula. Cascavel: Assoeste, 1984.

GERALDI, João Wanderley. A aula como acontecimento. In: _____. A aula como acontecimento. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. cap. 8, p. 81-101.

GILIOLI, Renato de Sousa Porto. **Evasão em instituições federais de ensino superior no Brasil: expansão da rede, SISU e desafios**. Brasília: Câmara dos Deputados, v. 49, p. 1-55, 2016.

VASILIEV, N. L. M. M. Bakhtin como professor universitário. **Bakhtiniana**. Revista de Estudos do Discurso, [S. l.], v. 13, n. 2, p. Port. 203–211, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. Plano de Ensino - GLA104 - Produção Textual Acadêmica. Chapecó: Publicação Institucional, 2023.